

Lazer e Turismo: Reflexões Sobre Suas Interfaces

Tatiana Roberta de Souza¹

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Este estudo objetivou discutir as relações estabelecidas entre lazer e turismo, buscando suas aproximações e revelando as diferenças. Para alcançar esse objetivo foi realizado uma pesquisa bibliográfica a partir da identificação e análise de livros e outros materiais, como artigos científicos, dissertações e teses relacionadas às temáticas “lazer” e “turismo”. Através desta pesquisa compreendeu-se que turismo e lazer são fenômenos distintos que possuem um núcleo comum. Ambos são, em sua essência, fenômenos socioculturais que podem representar um tempo/espço de expressão humana, de fruição, espontaneidade, prazer e recriação de identidades através do contato com novas situações e culturas. Sugere-se, ao final do trabalho, que sejam realizadas novas pesquisas visando aprofundar conhecimentos sobre a interface lazer/turismo.

Palavras-chave: Lazer; Turismo; Interfaces.

Introdução

O lazer vem adquirindo lugar de crescente destaque em nossa sociedade. Isso é notável quando observamos as matérias publicadas na mídia, os discursos políticos, as ações do mercado, as políticas sociais e mesmo as conversas cotidianas. No que se relaciona ao âmbito acadêmico, Melo e Alves Júnior (2003) afirmam que houve nos últimos anos um incremento do interesse pelo tema, evidenciado através do crescimento do número de grupos de estudos e das pesquisas sobre o tema, do aumento do número de trabalhos apresentados nos eventos científicos, bem como sua de inserção em programas e currículos de cursos em diversos âmbitos e níveis de formação.

¹ Bacharel em Turismo e Mestranda em Lazer pela UFMG. Bolsista CAPES. Membro dos grupos de pesquisa “OTIUM - Lazer, Brasil & América Latina” e “ORICOLÉ - Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer”. Apresentou trabalhos e publicou artigos sobre as temáticas lazer e turismo. E-mail: tatianasouz@yahoo.com.br.

O lazer vem sendo estudado no contexto de diversas áreas, dentre as quais é possível citar: Sociologia, Educação, Antropologia, Educação, Psicologia, História, Ciências Políticas, Administração, Economia, Comunicação Social, Educação Física, Hotelaria e o Turismo. As relações estabelecidas entre o lazer e este último se constituirá no foco deste trabalho.

Conforme exposto por Camargo (2001) o campo do lazer deve se constituir em objeto de conhecimento e vivência imprescindível ao profissional do turismo, tendo-se em vista a necessidade de uma melhor compreensão acerca do fenômeno turístico enquanto uma manifestação cultural num momento em que é tão decantada a sua funcionalidade econômica, dada a sua posição de destaque no cenário econômico mundial. No entanto, ainda são poucos os estudos que visaram discutir as aproximações, semelhanças e diferenças existentes entre o lazer e turismo. Acredita-se que esta interface deve se constituir em tema de reflexões para os profissionais, estudantes e pesquisadores de ambas as áreas.

Pensando nestas questões, o presente estudo possui como objetivo fazer uma discussão a respeito das relações estabelecidas entre o lazer e o turismo, buscando suas semelhanças e aproximações e revelando as diferenças e peculiaridades de cada fenômeno.

Para alcançar o objetivo proposto foi realizada uma pesquisa bibliográfica a partir da identificação e análise de livros e de outros materiais, tais como artigos científicos, dissertações e teses relacionadas às temáticas centrais da pesquisa: lazer e turismo. Para o levantamento bibliográfico foram considerados o Portal de Periódicos da CAPES, o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o site de buscas *Google Acadêmico* e a biblioteca do Centro de Estudos em Lazer e Recreação da UFMG (CELAR/UFMG).

Os resultados desta pesquisa bibliográfica serão apresentados neste trabalho. Seu conteúdo foi dividido da seguinte forma: primeiramente, serão feitas considerações acerca das conceituações de lazer e turismo, de forma separada, tendo em vista compreender as peculiaridades inerentes a cada um destes fenômenos. Posteriormente apresenta-se uma reflexão acerca da interface lazer/turismo, culminando, pois, com as considerações finais sobre o tema. Espera-se, assim, contribuir para que ocorra uma aproximação entre pesquisadores, estudiosos e profissionais das áreas envolvidas, bem como auxiliar no preenchimento de algumas lacunas.

Lazer

A conceituação de lazer é tema de freqüentes reflexões e discussões entre aqueles que se dedicam ao seu estudo. No entanto, ainda não há um consenso acerca de sua definição. Esse fato nos dá indícios da complexidade que é própria ao lazer enquanto objeto de estudo. Diante disso, serão apresentados e debatidos alguns dos conceitos que mais influenciam o lazer enquanto campo de estudos na atualidade.

Ao se falar em uma definição de lazer, deve-se inicialmente apresentar o conceito criado pelo sociólogo francês Joffre Dumazedier na década de 1970, por sua enorme repercussão na área e por ser este ainda hoje muito citado nos estudos feitos sobre o lazer, no âmbito de várias áreas do conhecimento. De acordo com Dumazedier (1973, p.34) o lazer pode ser compreendido como:

Conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se ou entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das ocupações profissionais, familiares e sociais.

Ao analisar esta concepção, Gomes (2004) faz considerações pertinentes. Primeiramente, aponta que, ao tratar o lazer como um conjunto de ocupações, Dumazedier desconsidera o ócio, momento próprio para a fruição e para a contemplação, enquanto uma de suas possibilidades. Além disso, a autora afirma que ao colocar o lazer em contraposição ao trabalho e às demais obrigações, compartimenta-se as dimensões da vida, como se esta possuísse limites claros, rígidos. De acordo com a autora, isso não seria possível uma vez que o lazer estabelece estreitas relações com as demais dimensões da vida humana: trabalho, família, religião, educação, política, dentre outras.

Ainda refletindo sobre o entendimento de lazer de Dumazedier, pode-se verificar um destaque às funções do lazer, que seriam: o divertimento, o repouso e o desenvolvimento pessoal. Requixa (1980) compartilha das idéias de Dumazedier ao afirmar que o lazer é uma ocupação que proporciona a recuperação psicossomática, além do desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos, e possui um caráter de livre-escolha e de não-obrigatoriedade.

Outro estudioso da área, entretanto, possui uma visão diferenciada dos autores acima citados. Para Marcellino (1995, p.31) o lazer deve ser estudado sob a perspectiva social e ser considerado enquanto:

[...] cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível. O importante como traço definidor é o caráter desinteressado dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade contemplativa.

Os estudos realizados por Marcellino aproximam o lazer dos estudos culturais e o diferenciam das propostas de Dumazedier e de Requiza por considerar o aspecto da atividade contemplativa enquanto forma de vivenciar o lazer.

Outra estudiosa do campo do lazer que também o aproxima dos estudos culturais é Gomes (2004, p. 125), que considera o lazer como:

Uma dimensão da cultura construída por meio da vivência lúdica das manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.

Ao analisarmos o conceito acima pode-se perceber que para compreender o lazer é de fundamental importância que este esteja situado em um contexto, é preciso considerar as tramas culturais que o perpassam, conforme afirmado por Gomes e Faria (2005). O lazer como fenômeno historicamente constituído requer ser pensado a partir de um dado contexto social, daí a importância de ser compreendido enquanto uma dimensão da cultura. Este entendimento focaliza o lazer em toda a sua abrangência e complexidade contemporânea sendo, pois, o que orientará as proposições que serão feitas neste estudo.

Considerar o lazer como uma dimensão da cultura, significa considerar que as vivências de cada indivíduo são movidas por significados. O lazer torna-se, assim, uma possibilidade de expressão, de significação e também de re-significação de vivências, podendo então se constituir em espaço para o questionamento das contradições existentes em nosso meio sociocultural. O lazer pode representar uma possibilidade de questionamento e resistência à ordem social injusta e excludente que predomina em nossa realidade e se constituir em um espaço privilegiado para vivência de conteúdos culturais em patamares críticos e criativos, trazendo consigo muitas possibilidades de aprendizagem, de estímulo à criatividade, de discussão e reflexão crítica para todas as faixas etárias e classes sociais, sendo então um dos elementos fundamentais para a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos (ISAYAMA, 2002).

Contudo, o moderno fenômeno do lazer não se caracteriza como algo pacífico, ingênuo ou inocente, uma vez que foi gerado a partir de uma clara tensão entre classes

sociais e da ocorrência contínua e complexa de controle/resistência, adequação/subversão (MELO, 2003). Assim, pensar o lazer numa perspectiva abrangente não significa desconsiderar a possibilidade de que ele pode ser utilizado como uma estratégia de manipulação e de controle social. Além disso, pode ser vivenciado como fuga dos problemas e um compensador das frustrações que vivemos em nosso cotidiano, passando a ter a conotação alienante e a ser visto como simples diversão e entretenimento a ser consumido e ditado pelos modismos impostos pela mídia.

É importante lembrar que, nos dias atuais, muitas pessoas têm seus processos de apropriação dos conteúdos culturais dificultados, na maioria das vezes, por dificuldades econômicas. Ao vivenciar o lazer, podemos ter despesas com transporte, alimentação e compra de ingressos (no caso da participação em eventos), entre outros. Estas dificuldades acontecem em função de um conjunto de variáveis, que têm como pano de fundo “as limitações econômicas, formando um todo inibidor, quer em termos da quantidade e, principalmente, da qualidade de participação. A classe, o nível de instrução, a faixa etária, e o sexo, entre outros fatores, limitam o verdadeiro lazer a uma minoria da população” (MARCELLINO, 1995, p.55).

Neste contexto, torna-se essencial compreendermos também o lazer como um direito social, presente na Declaração Universal dos Direitos Humanos² e na Constituição Federal Brasileira de 1988³.

Pensar o lazer como um direito social é pensar que este deve se constituir em uma prática capaz de incluir a todos e não ser um privilégio do qual poucos podem usufruir, uma vez que trata-se de um bem essencial aos cidadãos e ao seu bem-estar. Refletir sobre o lazer dessa forma implica ainda na responsabilidade do Estado em criar e implementar políticas públicas que possam concretizar para os cidadãos a vivência desse direito, de acordo com suas necessidades sociais, por ser este um fator condicionante da cidadania.

Ao compreendermos o lazer enquanto um fenômeno que apresenta aspectos múltiplos e contraditórios tornamos necessária a busca de um olhar aprofundado sobre o mesmo, bem como um repensar acerca das visões que se estabeleceram em nossa sociedade nos dias atuais. Nesse sentido, a sistematização de conhecimentos e a

² Aprovada em 1948 pela Assembleia Geral das Nações Unidas (art. 24) (ONU, 1948).

³ “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 1988, cap. II, artigo 6º).

realização de pesquisas em diversas áreas do conhecimento, inclusive no âmbito do turismo, que tratem a temática de forma contextualizada e abrangente pode colaborar com um novo entendimento acerca deste fenômeno.

Turismo

Assim como ocorre com o lazer, muitas definições têm sido dadas ao turismo desde os primeiros estudos científicos feitos sobre este sem que, no entanto, se tenha chegado a um consenso. Segundo Barreto (1995, p.9) a primeira conceituação datada do turismo remete-se ao ano de 1911 e foi feita pelo economista austríaco Hermann von Schullern que o concebeu como “o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado”.

Nota-se nesta primeira definição a relevância dada à dimensão econômica do turismo, que reflete a formação do autor no campo da economia. É importante dizer, inclusive, que ainda hoje o maior volume de estudos científicos sobre turismo provém das ciências econômicas, e buscam analisar o crescimento e a movimentação de capitais a partir da chamada “indústria do turismo”, ou seja, dos negócios turísticos. Este fato será destacado nas considerações que serão feitas a seguir.

Moesch (2002) comenta que o período decorrido entre a 1ª e a 2ª guerra mundial, respectivamente de 1914 a 1918 e 1939 a 1945, economistas de países europeus como França, Inglaterra e Alemanha destinaram esforços significativos para a busca de uma compreensão do turismo, originando escolas de grande destaque. Assim, foi criado no ano de 1929 o Centro de Pesquisas Turísticas, na Faculdade de Economia da Universidade de Berlim, que ficou conhecida como a “Escola Berlinesa” e dedicou-se ao estudo do turismo. Várias definições de turismo surgiram, a partir de então, seguindo a visão da escola berlinesa. Há de se destacar que todas enfatizavam sempre o aspecto econômico do turismo, refletindo a formação dos pesquisadores que estudaram o fenômeno naquele momento histórico.

Passando-se a conceituações mais atuais de turismo, Cunha (*apud* Moesch, 2002), autor representante da chamada “Escola Portuguesa”⁴, aproxima o turismo ao

⁴ Segundo Moesch (2002), a escola portuguesa buscava definir o turismo tendo como aspecto central o *turista*. Assim, considera que o turista é um indivíduo em viagem, cuja decisão para o deslocamento foi tomada com base em percepções, interpretações, motivações, restrições e incentivos, representando manifestações, atitudes e atividades relacionadas a fatores psicológicos, educacionais, culturais, técnicos, econômicos, sociais e políticos. A viagem

lazer por concebê-lo como “resultante do lazer” e como “uma forma de ocupação do tempo livre”. O autor considera também que o turismo gera um conjunto de atividades produtivas atendendo as necessidades dos indivíduos que se deslocam e, conseqüentemente, a de um mercado.

Nota-se que, mesmo sendo designado como uma atividade de lazer, o turismo foi visto como sendo uma mercadoria a ser consumida, pensando-se na manutenção de um mercado turístico. O autor considera também o turismo enquanto uma forma de ocupação do tempo. Aqui existe uma aproximação do turismo ao lazer, uma vez que este também é visto por alguns autores como uma forma de ocupação do tempo. A definição de Dumazedier (1973), apresentada anteriormente, exemplifica isso.

Passando-se a conceituações mais abrangentes de turismo, temos autores como Oscar De La Torre, Fuster e Wahab, que ampliaram a conceituação de turismo ao buscar definir o que seriam os fenômenos produzidos em consequência das viagens.

Segundo De La Torre (1994 *apud* MOESCH, 2002) o turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

Fuster (*apud* MOESCH, 2002, p.11), por sua vez, afirma que o turismo é:

(...) de um lado, conjunto de turistas; do outro, os fenômenos e relações que esta massa produz em consequência de suas viagens. Turismo é todo o equipamento receptivo de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, guias-intérpretes que o núcleo deve habilitar, para atender às correntes (...). Turismo é o conjunto das organizações privadas ou públicas que surgem, para fomentar a infra-estrutura e a expansão do núcleo (...). Também são os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras.

Já Wahab (1972 *apud* TRIGO, 1998, p.12) elaborou a seguinte definição:

O turismo é uma atividade humana intencional que serve como meio de comunicação e como elo de interação entre povos, tanto dentro como fora de um país. Envolve o deslocamento temporário de pessoas para outras regiões ou países visando à satisfação de outras necessidades que não a de atividades remuneradas.

envolveria uma multiplicidade de agentes institucionais e empresariais, da partida ao retorno, situação que, por isso, também se estende ao próprio turismo como setor de atividade que, sendo fundamentalmente econômico, tem iguais significados, implicações, relações e incidências sociais, culturais e ambientais.

No conceito acima é possível perceber que o autor aborda aspectos econômicos e sociais. Wahab aborda o turismo como uma atividade fundamental para o bem-estar da população, destaca também que a atividade turística é responsável pela realização de desejos, para a “satisfação de outras necessidades”. Estas necessidades são de âmbito cultural, como por exemplo, o anseio de conhecer a cidade natal dos ancestrais familiares ou o deslocamento de moradores dos centros urbanos para as áreas rurais, buscando desfrutar das paisagens cênicas. Essas ações materializam a afirmação de que o turismo é um fenômeno social e, por isso, deve ser praticado por todos os segmentos da sociedade.

Apesar de existirem definições amplas de turismo, como as propostas por De La Torre, Fuster e Wahab sabe-se que, na atualidade, a maior parte dos conceitos de turismo segue a perspectiva econômica, compreendendo-o como uma “indústria” de viagens, que favorece os negócios e o comércio dos mais variados produtos e serviços.

O turismo é freqüentemente representado como um conjunto de transações (compra e venda de bens e serviços turísticos) efetuadas entre os agentes do setor e valorizado em termos de aspectos técnicos e operacionais.

Tais definições são bastante utilizadas para fins estatísticos, levando grande parte das instituições responsáveis pelo planejamento, pelo marketing e pelos estudos turísticos a adotá-la, como por exemplo, no caso do Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR – órgão responsável pela divulgação do Brasil no exterior, que defende o seguinte conceito de turismo:

Turismo é uma atividade econômica representada pelo conjunto de transações compra e venda de serviços turísticos efetuadas entre os agentes econômicos do turismo. É gerado pelo deslocamento voluntário e temporário de pessoas para fora dos limites da área ou região em que têm residência fixa, por qualquer motivo, excetuando-se o de exercer alguma atividade remunerada no local que visita (EMBRATUR, 2009).

Como se pode notar, a definição utilizada pela EMBRATUR está voltada essencialmente para o aspecto econômico da atividade turística. Diante disso, concorda-se com Barreto (2003) ao afirmar que o negócio é apenas uma parte do fenômeno turístico e analisá-lo somente a partir de sua dimensão econômica pode levar ao esquecimento de sua dimensão antropológica, além de fazer com que se pense nos turistas apenas como portadores de dinheiro.

O fato é que o turismo não deve ser encarado apenas como uma atividade exclusivamente econômica, mas deve também ser considerada sua importância social e

cultural em nossa sociedade. Como exposto por Gomes *et. al.* (2008), a abordagem econômica não consegue, por si só, fornecer os elementos imprescindíveis para a caracterização deste fenômeno complexo e multifacetado.

É preciso, então, superar essa abordagem, avançando para além das questões econômicas. Não se pretende negar a importância dos benefícios econômicos que, inegavelmente, provém da atividade turística, o que poderia ser considerada uma visão romântica. Mas sim, dizer que o turismo necessita ser estudado de forma mais abrangente, sob outros/novos pontos de vista.

Pensar o turismo apenas sob o aspecto econômico e comercial pode levar a um empobrecimento, por ser este compreendido como um fenômeno mais complexo do que simples negócio ou produto, já que este envolve tanto as pessoas que realizam as viagens quanto as que recebem os viajantes e, portanto, o encontro entre diferentes culturas, sendo vivenciado dentro de contextos históricos, políticos e sociais.

O epicentro do fenômeno turístico é de caráter humano, uma vez que são estes que se deslocam e, ao fazerem isso, entram em contato com outros homens. Dessa forma, é de fundamental importância considerar outros elementos além dos econômicos, priorizando a percepção do homem dentro do processo histórico, político e social inerente à experiência turística (MOESCH, 2002).

O turismo é um fenômeno social, cultural e espacial que envolve o deslocamento de pessoas que por motivos diversos saem de seu entorno habitual e visitam outros lugares, gerando, com a visita, múltiplas inter-relações não apenas de importância econômica, mas também social, cultural e política (ARAÚJO; ISAYAMA, 2009).

A partir destas reflexões, compreende-se o turismo na mesma direção em que Moesch (2003), que o considera como uma prática social, um campo de práticas histórico-sociais que pressupõem o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços produzidos de forma objetiva, possibilitando afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades e, portanto, explicitadores de uma nova estética diante da busca do prazer.

Nessa perspectiva, o turismo não é compreendido apenas como uma atividade econômica, mas como possibilidade de formação humana, constituinte de novos sujeitos, que por meio de tal vivência, possam se perceber no contexto social, como cidadãos, como produtos e produtores de cultura e com noção de pertencimento à sociedade numa perspectiva democrática e consciente com os seus bens materiais e imateriais.

Com o exposto, nota-se o quanto é difícil delimitar uma definição única de turismo. Por estabelecer relações com diversas áreas do conhecimento o turismo pode ser entendido de várias formas. Buscar aproximações com o lazer poderá trazer benefícios para que novos entendimentos sejam estabelecidos.

Considerações Sobre a Interface Lazer/Turismo

Uma vez compreendidos os significados de lazer e de turismo que norteiam este estudo, serão feitas agora considerações acerca das relações que se estabelecem entre estes.

Lazer e turismo, enquanto bens de consumo e possibilidades de vivência cotidiana são, muitas vezes, tidos como sinônimos para os mais diversos segmentos da sociedade (ARAÚJO, SILVA, ISAYAMA, 2008). No âmbito acadêmico, permanecem as discussões acerca dos conceitos e das peculiaridades de cada fenômeno, existindo um debate onde alguns afirmam ser o turismo “parte do lazer” e outros dizem o inverso, que o lazer é um dos “segmentos” ou “tipologias” do turismo.

Compreendo que lazer e turismo são fenômenos distintos, o que se pode notar ao observamos suas conceituações. Não sendo possível, portanto, tratá-los como sinônimos. Além disso, entendo que nenhum destes fenômenos se reduz ao outro, ou seja, o turismo é mais do que uma atividade de lazer e o lazer, por sua vez, é mais do que apenas tipologia turística.

Como foi exposto por Camargo (2001) nem tudo o que é turismo se reduz ao lazer e vice-versa. Por mais que alguns autores tentem sobrepor, ou mesmo reduzir, um fenômeno o outro, é necessário entender que ambos se recortam mutuamente, possuindo um núcleo comum, mas conservando sub-áreas autônomas.

Sendo assim, o lazer não se limita a viagens. Ele pode ser vivenciado de diversas formas, sendo o turismo uma de suas possibilidades. O lazer inclui a fruição de diversas manifestações culturais como o jogo, a brincadeira, a festa, o passeio, a viagem, o esporte e também as formas de arte (pintura, escultura, literatura, dança, teatro, música, cinema), dentre várias outras possibilidades. Além de incluir o ócio, uma vez que esta e outras manifestações culturais podem constituir, em nosso meio social, notáveis experiências de lazer (GOMES, 2004).

Lazer e turismo possuem, então, suas particularidades, mas também um “núcleo comum”, como “campos abertos de interseções, seja em seus aspectos culturais, sociais

ou históricos” (ARAÚJO; ISAYAMA, 2009, p. 145). Esse “núcleo comum” precisa ser pensado por pesquisadores de ambas as áreas.

Araújo e Isayama (2009, p.145) consideram que uma das primeiras interseções entre lazer e turismo pode ser identificada através de sua trajetória histórica. De acordo com estes autores foi no contexto da Revolução Industrial, quando se instalou o modelo de produção fabril, que ocorreram importantes transformações sociais que deram origem ao lazer, da forma como o concebemos na atualidade. Dentre as mudanças ocorridas naquele momento temos a artificialização do tempo social, no qual “o tempo da vida diária passou a ser demarcado pela jornada de trabalho nas fábricas, que correspondia a uma rígida rotina a ser seguida”.

Foi também no contexto da Revolução Industrial que o turismo, que até então estava reservado apenas nobres, burgueses e comerciantes ingleses, assumiu uma nova configuração e ganhou impulso perante a nova sociedade que se constituía. A partir das reivindicações dos trabalhadores da classe operária pelo direito à jornada de trabalho de oito horas semanais, férias e descanso semanal remunerado, as viagens e excursões se tornaram uma opção de uso do tempo livre acessível para uma parcela cada vez maior da população (ARAÚJO; ISAYAMA, 2009).

Pensar lazer e turismo implica, portanto, pensar no tempo de trabalho e de não-trabalho e também nas conquistas das classes trabalhadoras. Como exposto por Camargo (2001) o tempo que se tem disponível, tal como férias e finais de semana, são associados tanto ao lazer quanto ao turismo. Nesse sentido, as conquistas no âmbito do trabalho foram elementos de fundamental importância para esses fenômenos.

Ainda no que se relaciona à trajetória histórica, outros fatores que influenciaram o lazer e o turismo, no contexto da Revolução Industrial, foram: o desenvolvimento de tecnologias de transportes e comunicações, as melhorias sociais, econômicas e de infraestrutura que surgiram nas décadas posteriores.

Uma interseção que observo entre o turismo e o lazer é que, a partir da década de 1990, ambos vêm chamando a atenção dos investidores das chamadas “indústrias” do lazer e do turismo e estão sendo vistos como mercadorias a serem comercializadas. Além disso, lazer e turismo são vistos hoje em dia, na maioria das vezes, somente enquanto entretenimentos a serem consumidos com a finalidade de contribuir para que

as pessoas suportem as frustrações e as insatisfações crescentes geradas pela vida que levam nas sociedades urbanas dos dias atuais⁵.

Como foi exposto por Melo e Alves Júnior (2003), o lazer tem sido visto como sendo responsável por recuperar as energias e conceder a felicidade que as pessoas não encontram no âmbito do trabalho. Quanto ao turismo, Krippendorf afirma que na atualidade atribui-se grande importância à vivência deste como uma forma de “válvula de escape” para as tensões e conflitos com os quais nos deparamos em nosso cotidiano. De acordo com ele:

A possibilidade de sair, de viajar reveste-se uma grande importância. Afinal, o cotidiano só será suportável se pudermos escapar do mesmo, sem o que, perderemos o equilíbrio e adoeceremos. O lazer e, sobretudo, as viagens pintam manchas coloridas na tela cinzenta da nossa existência. Elas devem reconstruir, recriar o homem, curar e sustentar o corpo e a alma, proporcionar uma fonte de forças vitais e trazer sentido a vida (KRIPPENDORF, 2001, p. 36).

Concordo com Araújo, Silva e Isayama (2008) ao afirmarem que esses entendimentos e usos do lazer e do turismo, presentes tanto no âmbito empresarial quanto no meio acadêmico, devem ser considerados restritos, já que contribuem para que os mesmos sejam vivenciados apenas como uma diversão alienada e, como consequência disso, faz-se com que os valores sociais e culturais e as possibilidades de desenvolvimento pessoal que eles podem proporcionar sejam, aos poucos, perdidos ou cedam lugar aos novos valores impostos pela sociedade de consumo exacerbado.

Nem o lazer, nem o turismo devem ser pensados apenas como “renovadores” de nossas energias para o trabalho. Mais do que produtos da indústria cultural, turismo e lazer são, na sua essência, fenômenos socioculturais e, ao vivenciá-los, podemos alcançar significativo desenvolvimento pessoal e social. Turismo e lazer podem representar um tempo/espaço de expressão humana, de fruição, espontaneidade, prazer e de recriação de nossas identidades através do contato com novas situações e culturas.

Enquanto objetos de estudos, lazer e turismo também se aproximam. Ambos fazem parte do campo das chamadas ciências sociais. De acordo com Sessa (1983 *apud* MOESCH, 2002), deve-se dar um tratamento científico ao fenômeno do turismo, pois este representa uma nova ciência, mesmo que seu objeto deste conhecimento pertença, indubitavelmente, às ciências sociais. Segundo com Gomes *et. al.* (2007) o campo de

⁵ O estudo de Werneck, Stoppa e Isayama (2001) faz uma interessante discussão acerca do lazer quando tratado enquanto mercadoria.

estudos sobre o lazer também se fundamenta principalmente nas Ciências Humanas e Sociais.

Finalizando, destaca-se que por serem fenômenos caracterizados pela abrangência e multidisciplinaridade, lazer e turismo recebem contribuições de diversas áreas do conhecimento, porém ambos possuem uma produção científica ainda recente e em processo de constituição. De acordo com Gomes e Melo (2003) muitos dos trabalhos que abordam o lazer ainda não alcançaram consistência e profundidade necessária para tratar do fenômeno. Grande parte das publicações da área, inclusive, são apenas relatos de experiência que não partem de uma compreensão teórica aprofundada sobre o assunto e que, por isso, pouco contribuem para que ocorra um avanço qualitativo na área. Outros trabalhos de pesquisa apesar de apresentarem uma discussão consistente sobre o lazer, não apontam caminhos necessários para promover o avanço no campo de estudos.

Esta realidade também está presente no campo de estudos sobre o turismo. Segundo Lohmann e Panosso Neto (2008) muitos dos trabalhos que vêm sendo produzidos nessa área ainda necessitam de um maior embasamento teórico e mostram-se fragmentados, insuficientes. Além disso, segundo os autores, esses trabalhos geralmente apresentam deficiências na análise dos resultados alcançados. Os autores afirmam ainda que repetidas vezes nos deparamos com livros, teses e artigos que pouco acrescentam ao campo científico do turismo, por serem meramente descritivos.

Considerações Finais

Foram apresentadas inicialmente neste trabalho algumas das definições existentes de lazer e de turismo. Sabe-se, entretanto, que outras várias conceituações já foram elaboradas para ambos os fenômenos, nas várias áreas de conhecimento onde estes vêm sendo estudados.

Foram também tecidas algumas considerações acerca da interface lazer/turismo. Através das reflexões realizadas neste estudo, pode-se perceber que, apesar de possuírem um núcleo em comum, tratam-se de fenômenos distintos que, portanto, não podem ser tidos como sinônimos e nem mesmo serem sobrepostos.

Para além dos pontos de intercessão e das diferenciações que aqui foram apresentadas, existem outras questões que ainda podem e necessitam ser apontadas e discutidas. Evidentemente, os aspectos aqui abordados não esgotam o debate, mas

podem contribuir como um ponto de partida para outras investigações que explorem tal interface.

Destaca-se, portanto, a importância de que novos estudos sejam empreendidos no sentido de discutir as relações entre lazer e turismo. Sugere-se a realização de pesquisas nas quais sejam entrevistados líderes de grupos de estudos sobre turismo e lazer e também a leitura de livros, artigos científicos e trabalhos apresentados em eventos que enfoquem estes temas. Acredita-se que a realização de estudos aprofundados sobre este tema poderá contribuir para que o lazer e o turismo sejam compreendidos como fenômenos complexos, sob uma perspectiva mais ampla e crítica.

Referências

- ARAÚJO, Marina. ISAYAMA, Hélder Ferreira. As fronteiras entre lazer e turismo. In: ISAYAMA, H. F.; OLIVEIRA, L. M. F.; SOUZA, T. R.; SILVA, S. R. (orgs.). *Coletânea do X Seminário “O Lazer em Debate”*. Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2009.
- ARAÚJO, Marina; SILVA, Michelle Costa; ISAYAMA, Hélder Ferreira. O lazer nos cursos de graduação em turismo de Belo Horizonte: visão dos coordenadores de curso. *Caderno Virtual do Turismo*, vol. 8, n. 3, 2008.
- BARRETTO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do turismo*. Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Turismo).
- BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n.20, p.15-29, outubro de 2003.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Tecnoprint, 1988.
- CAMARGO, Luis Otávio de Lima. Sociologia do Lazer. In: ANSARAH, M. G. R. (Org.). *Turismo: como aprender, como ensinar*. 2 ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- EMBRATUR. *Glossário de turismo*. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>> Acesso em 20 de junho de 2009.
- GOMES, Ana Maria Rabelo; FARIA, Eliene Lopes. *Lazer e diversidade cultural*. Brasília: SESI/DN, 2005.
- GOMES, Christianne Luce. Lazer-Concepções. In: GOMES, C. L. (org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 19-125.
- GOMES, Christianne L.; SOUZA, Tatiana R.; LACERDA, Leonardo Lincoln Leite de; VEIGA, Ricardo Teixeira. Inserção do lazer no contexto da pós-graduação stricto sensu em turismo/hospitalidade no Brasil. *Caderno Virtual do Turismo*, vol. 8, n. 3, 2008.
- GOMES, Christianne L.; SOUZA, Tatiana R.; VIDAL, Larissa; FONSECA, Luciana; RIOS, Priscila. Reflexões sobre o lazer no contexto da pós-graduação stricto sensu em turismo no Brasil. In: SILVA, Katharine, N. P.; SILVA, Jamerson A. A. (Org.). *Recreação, esporte e lazer: Espaço, tempo e atitude*. Recife: Instituto Tempo Livre, 2007. p. 451-457.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. *Recreação e Lazer como integrantes dos currículos de graduação em Educação Física*. Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação em Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2002.

KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph, 2001.

LOHMANN, Guilherme; PANOSSO NETTO, Alexandre. *Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas*. São Paulo: Aleph, 2008. – (Série turismo).

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. 2a. ed. Campinas. Papirus, 1995.

MELO, Victor Andrade de. A cidade, o cidadão, o lazer e a animação cultural. In: FREITAS, Ricardo (org.). *Comunicação, cidade e cultura*. Rio de Janeiro, 2003.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. *Introdução ao lazer*. São Paulo: Manole, 2003.

MOESCH, Marutschka Martini. *A produção do saber turístico*. 2ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MOESCH, Marutschka Martini. Turismo e Lazer: conteúdos de uma única questão. In: *Formação e Desenvolvimento de Pessoal em Lazer e Esporte*. Editora Papirus. Coleção Fazer/Lazer. 2003.

ONU. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. 1948. Disponível em <http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php>. Acesso em 24 de abril de 2010.

REQUIXA, Renato. As dimensões do lazer. *Revista Brasileira de Educação Física e Desporto*. n. 45, p.54-76, 1980.

TRIGO, Luís Gonzaga Godói. *Turismo Básico*. 5a ed. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

WERNECK, Christianne Luce Gomes; STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. *Lazer e mercado*. Campinas, SP: Papirus, 2001.